

de arco. Aparentemente vinham da ponte de barcas, depois de terem jantado na cidade, por uma razão qualquer. Sobre a água devia estar fresco; Tazio usava um casaco à marinheira azul-escuro com botões dourados e na cabeça um boné combinando. Sol e ar marinho não o queimavam, sua pele continuava um amarelo marmóreo como no princípio; porém, hoje parecia mais pálido que de costume, fôsse por causa da noite fresca ou do empalidecente luar das lâmpadas. Suas sobranceiras simétricas destacavam-se mais fortes, seus olhos pareciam mais escuros. Estava indizivelmente belo e Aschenbach sentiu, com pena, como já por muitas vèzes, que a palavra só consegue louvar a beleza sensual porém não reproduzi-la.

gustavo
44
!
!
encantador
arrebatahido
44
tocado

Não notou a querida imagem; aparecera inesperadamente, não tivera tempo de se acalmar e trazer dignidade para sua expressão. Alegria, surpresa, admiração, deviam transparecer abertamente, quando seu olhar encontrou o do desaparecido — e neste segundo aconteceu que Tazio sorriu: sorriu para êle, falando, íntimo, gracioso e sem rodeios, com lábios que no sorriso se abriam lentamente. Era o sorriso de Narciso que se debruça sobre o espelho d'água, aquêl sorriso profundo, encantador, prolongado, com o qual estende os braços para o reflexo da própria beleza, — um sorriso ligeiramente desfigurado, desfigurado pela inutilidade de seu desejo, de beijar os lindos lábios de sua sombra, galante, curioso e ligeiramente atormentado, seduzido e sedutor.

Aquêl que recebera êste sorriso fugiu com êle como um presente fatídico. Estava tão abalado que se viu obrigado a evitar a luz do terraço e do jardim da frente e procurou, apressado, a escuridão do parque nos fundos. Admoestações estranhamente revoltadas e carinhosas desprendiam-se dêle: “Não deve sorrir assim! Ouça, não se deve sorrir assim para ninguém!” Atirou-se sobre um banco, respirou indignado o perfume noturno das plantas. E inclinado para trás, de braços pendentes, dominado e sentido-se percorrido por arrepios, murmurou a eterna fórmula do anseio, — aqui impossível, absurdo, abjeto, ridículo e, no entanto, sagrado, digno mesmo, ainda aqui: “Eu te amo!”

com
onde
foi de
sentado

Na quarta semana de sua estada no Lido, Gustav von Aschenbach fêz algumas descobertas sinistras concernentes ao mundo exterior. Primeiro lhe pareceu que, no adiantamento da estação, a freqüência de seu alojamento diminuía ao invés de aumentar, e principalmente o idioma alemão, em volta dêle, esgotava e silenciava, assim que, finalmente, nas refeições e na praia, só palavras estrangeiras tocavam seu ouvido. Num dia, no salão do barbeiro que agora visitava mais a miúdo, apanhou uma palavra de uma conversa que o deixou perplexo. O homem mencionara uma família alemã que, depois de uma demora curta, justamente embarcara, e acrescentou, conversando e lisonjeando: “O senhor fica; o senhor não tem medo do mal”. Aschenbach encarou-o. “Mal?”